

## DO JORNAL PARA O ROMANCE: A HISTÓRIA DE UM ASSASSINATO EM *O RETRATO*, DE ERICO VERISSIMO

Márcio Miranda Alves\*

**RESUMO:** O assassinato do senador Pinheiro Machado provocou comoção nacional e foi fartamente explorado pela imprensa de todo o país em 1915. Na contexto histórico de *O retrato*, segunda parte da trilogia *O tempo e o vento*, o escritor Erico Verissimo recupera no universo da fictícia cidade de Santa Fé o perfil do político e a repercussão de sua morte. Para produzir um efeito de verdade nos fatos que envolvem o crime, o autor recorre ao conteúdo dos jornais da época, incrementando a narrativa com detalhes reportados pelos jornalistas. Neste artigo analisamos as implicações das notícias de jornal na representação de um evento histórico concreto. **Palavras-chave:** História e ficção; imprensa; Erico Verissimo

**ABSTRACT:** The murder of senator Pinheiro Machado caused national commotion and was widely explored by the press throughout the country in 1915. In the historical context of *O Retrato*, the second part of the trilogy *O tempo e o vento*, the writer Erico Verissimo reconstructs, in the fictional city of Santa Fé, the politician's profile and the repercussions of his death. To ensure the verisimilitude of the facts that surround the crime, the author calls on the contents of the newspapers of that time, increasing the narrative with details reported by journalists. In this article we analyse the implications of the news in the representation of a concrete historical event.

**Keywords:** History and fiction; press; Erico Verissimo

### À GUIA DE INTRODUÇÃO

Embora Erico Verissimo tenha afirmado que realizou o mínimo de pesquisas para a escrita de *O tempo e o vento* (VERISSIMO, 1999, p. 185), uma análise nesse sentido pode torna-se reveladora quanto ao processo de criação literária do escritor. Particularmente no que concerne à imprensa, Erico tinha o costume de consultar edições antigas de jornais e revistas para se assegurar de datas e eventos importantes. O uso desse método ele mesmo confirma em seu livro de memórias, destacando a importância do jornal *Correio do Povo*, de Porto Alegre, como fonte de consultas (VERISSIMO, 1995, p. 303). Assim, em *O tempo e o vento* são inúmeras as

---

\*Doutor em Letras pela USP. Professor adjunto no Programa de Pós-graduação em Letras, Cultura e Regionalidade da Universidade de Caxias do Sul (UCS) e coeditor da revista *Antares: Letras e Humanidades*.

referências à imprensa nacional e estrangeira na representação de acontecimentos que compõem o contexto histórico das primeiras décadas do século XX. (ALVES, 2013).

Um caso específico de ficção baseada em fontes noticiosas trata-se da morte do senador Pinheiro Machado, em 1915. Para representar esse episódio, bem como o conturbado momento político da época, Erico Verissimo baseia-se na cobertura jornalística diária, de onde retira informações que contribuem para elevar o grau de verossimilhança da obra. Neste artigo, estabelecemos relações entre o noticiário e o romance de Erico Verissimo, pontuando a forma com que os acontecimentos são narrados na imprensa e, posteriormente, na ficção. Dessa forma, procuramos mostrar como as notícias retiradas da “realidade” do jornal desencadeiam as ações dos personagens no plano ficcional, bem como tentamos analisar em que medida a imaginação do escritor pode ser fiel ao fato concreto.

#### **PINHEIRO MACHADO E A POLÍTICA NA PRIMEIRA REPÚBLICA**

José Gomes Pinheiro Machado foi uma das personalidades mais importantes da política brasileira durante a Primeira República. Nascido em Cruz Alta (RS), em 1851, formou-se pela Faculdade de Direito de São Paulo e coordenou o projeto político republicano gaúcho ao lado de Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros. Em âmbito nacional, Pinheiro Machado destacou-se como um político astuto, líder de um bloco majoritário que mantinha sob controle o Senado Federal.

A fonte do poder de Pinheiro Machado, como aponta Fausto (2009, p. 272), encontrava-se no controle da Comissão de Verificação de Poderes do Senado e, até certo ponto, da Câmara de Deputados. Assim, o auge da influência de Pinheiro Machado nos rumos da política nacional ocorre no governo de Hermes da Fonseca, entre 1910 e 1914, e por consequência cresce também nesse período o embate do senador com a imprensa. A cada ataque pessoal sofrido pelos jornais, em especial o *Correio da Manhã*, o senador respondia da tribuna do Senado. Embora não fosse presidente, parte da oposição e da opinião pública acusava o senador de reger as ações do governo.

Excessivamente expostos à opinião popular, Hermes da Fonseca e Pinheiro Machado transformaram-se nos alvos principais dessa imprensa. Apelidado de “Dudu”, o presidente era o personagem predileto dos caricaturistas nos jornais

cariocas, cujas sátiras eram reproduzidas em todo o país.<sup>1</sup> Taxado de incompetente e azarado, Hermes da Fonseca era exposto diariamente como um marechal-trapalhão. O descontentamento da população expressava-se, nos jornais, sob uma forma satírica e debochada que trazia como personagem o “Zé Povo”. A caricatura política trazia muitas vezes Pinheiro Machado alto e arrogante, ao lado de um presidente de porte mais baixo e atitude humilde. Como descreve Lustosa (2003, p. 305), “Na imprensa da época, o registro que permaneceu não foi o das insurreições e dos bombardeios nos estados. Estes foram superados de longe pela imagem caricata do marechal-presidente.”

Se por um lado a impopularidade de Hermes torna-se jocosa, por outro a animosidade contra Pinheiro Machado transforma-se em ódio coletivo e, como consequência, o senador acaba sendo responsabilizado por todos os males da República (SILVA, 1975, p. 132). Nem o fim do conturbado governo de Hermes da Fonseca garante sossego ao senador gaúcho. Quando a opinião pública percebe que o novo governo não conseguira se desvencilhar de sua influência, as críticas contra Pinheiro Machado tornam-se mais fortes. Enquanto populares insultavam o senador em frente à redação do jornal *O País*, parlamentares falavam na eliminação pura e simples do político. Ao ponto de o deputado Gonçalves Maia sugerir, da tribuna da Câmara, a apresentação de um projeto que consistiria em apenas dois artigos: “Art. 1º - Elimine-se o Sr. Pinheiro Machado; Art. 2º - Revoguem-se as disposições em contrário” (DUARTE, 2007, p. 70).

A insistência de Pinheiro Machado na candidatura de Hermes da Fonseca para a vaga de senador pelo Rio Grande do Sul, cuja eleição acaba sendo confirmada em 1915, desperta a revolta da oposição. Rumores sobre a possibilidade de uma nova revolução no Sul ecoam em todo o país. Pinheiro Machado, prevendo a gravidade da situação, havia redigido um ano antes o seu “Testamento político”. Em entrevista a João do Rio no Senado Federal, Pinheiro Machado faz uma declaração em que prevê como deve ser o seu assassinato. “Morro na luta, menino. Eles mataram-me. Mas pelas costas; são uns ‘pernas-finas’. Pena é que não seja no Senado, como César. Há de ser na rua. Morro em defesa da República” (SILVA, 1983,

---

1 Sodré (1983, p. 330-1) lembra que o governo Hermes da Fonseca assinalou o apogeu da crítica política em caricatura no Brasil. Como consequência, não faltaram medidas de censura e muitos jornalistas foram presos a partir de medidas de sítio adotadas pelo governo. “O sítio era uma arma usual para amordaçar a imprensa – muito mais do que destinada a permitir ao Executivo a liberdade de ação que a Constituição permitia, em fases assim de exceção”.

p. 114). E assim aconteceu, no dia 8 de setembro de 1915, no saguão do Hotel dos Estrangeiros, no Rio de Janeiro, quando o padeiro Francisco Manso de Paiva Coimbra apunhalou o senador pelas costas.

O assassinato de Pinheiro Machado foi amplamente noticiado pela imprensa nacional e provocou uma interrupção na vida social da capital da República. Silva (1975, p. 133) descreve o impacto na cidade e em todo o país como algo “indescritível”. Segundo ele, “Nos meios políticos houve pânico e desafogo. Grande emoção popular. A imprensa teve assunto para se fartar. Seus correligionários ficaram aturdidos”. Como noticiou a *Gazeta de Notícias* no dia 10 de setembro (BORGES, 2004, p. 94), teatros cancelaram a programação e inúmeras festas foram suspensas. Seguindo o exemplo do serviço público, o comércio, os bancos e as indústrias fecharam as portas.

Após a cobertura jornalística inicial, a principal questão debatida gira em torno da tese de crime político. Por isso, os depoimentos do assassino confesso, Manso de Paiva, de 33 anos, tornam-se de grande interesse público e são transcritos em detalhes pelos na imprensa nacional. Paiva mantém a versão de que agira sozinho, incentivado pelas palavras incendiárias de deputados e senadores e por artigos de jornais. A hipótese de um crime político no qual Manso de Paiva seria apenas o executor nunca foi comprovada.

Nesse sentido, a relação entre o criminoso e os jornais consiste em um ponto interessante no contexto histórico da época. Se as declarações de Paiva foram verdadeiras, as notícias da política teriam influenciado sua determinação de assassinar Pinheiro Machado. Obcecado pela ideia de matar o senador, o padeiro encontra nos jornais o impulso necessário para levar seu projeto adiante.

### **IMPrensa e Ficção: Convergências no processo de criação literária**

Pinheiro Machado surge como personagem em *O tempo e o vento* por ocasião da representação da disputa eleitoral à presidência da República, que tem como oponentes Rui Barbosa e Hermes da Fonseca, em 1910. Em Santa Fé, o senador conversa com Rodrigo Cambará e o convence a esfriar a campanha local contra o candidato republicano, com a vaga promessa de apoio para uma cadeira de deputado na Assembleia gaúcha. Depois dessa aparição no plano de ação do

romance, Pinheiro Machado torna-se figura recorrente na narrativa a partir da leitura de jornais.

Em dia incerto do mês de janeiro de 1915, Rodrigo põe-se a meditar sobre os últimos anos da política nacional e considera Pinheiro Machado o único culpado pelo governo desastrado de Hermes da Fonseca. Para Rodrigo, “o marechal – todo o mundo sabia – não passava dum fantoche nas hábeis e poderosas mãos de Pinheiro Machado” e por mais que o admirasse “não podia deixar de acreditar que ele era autoritário, prepotente e egocêntrico” (VERISSIMO, 1956, p. 206). Curiosamente, o que desperta em Rodrigo os pensamentos sobre a dupla Hermes da Fonseca e Pinheiro Machado é a voz da Laurinda, ex-escrava alforriada, que canta uma das famosas sátiras em torno da figura do ex-presidente. “Ai, Filomena! / Se eu fosse como tu / Tirava a urucubaca / da careca do Dudu!”.<sup>1</sup>

Instigado pelo significado da canção, que está na boca do povo, dos mais nobres burgueses até os negros da cozinha, Rodrigo reflete sobre os acontecimentos marcantes do governo do marechal.

Ah! Os tempos do Dudu... Aqueles quatro anos de governo do Marechal haviam sido um prolongado pesadelo, uma enfiada de desastres políticos e administrativos. A revolta dos marinheiros. O estado de sítio. Os fuzilamentos do *Satélite*. O escândalo da *prata*. A intervenção em Pernambuco. O bombardeiro da Bahia. O caso do Amazonas. Nunca em toda a história do Brasil houvera governo mais catastrófico e acidentado. Jamais se vira tanto mandonismo, tanto nepotismo, tanta arbitrariedade, tanta política do corrilho. (VERISSIMO, 1956, p. 206).

A seguir, pensa sobre a figura cômica em que se transformara o presidente. Para o protagonista, o povo sem condições de derrubar o governo pelas armas usara da caricatura e do humorismo para lançar o presidente ao ridículo. Isso, em síntese, consistia numa espécie de golpe através da sátira publicada em jornais e revistas, cujas caricaturas tinham como personagem o “Zé Povo”. “Era um verdadeiro golpe de Estado de sátira. E através de quadrinhas, chistes, piadas, trocadilhos, a figura do Marechal fora projetada no país inteiro como uma espécie

---

1 A sátira “Ai, Filomena”, de autoria de J. Carvalho Bulhões, refere-se a um sarau ocorrido no Catete, em 1914, em que a primeira-dama Nair de Tefé causou grande escândalo ao tocar no violão o maxixe “Corta-Jaca”, de Chiquinha Gonzaga.

de bobo da própria corte. Sabem a última do Dudu? E lá vinha a anedota... Apareciam em jornais e revistas, eram repetidas pelo homem da rua.” (VERISSIMO, 1956, p. 207).

Rodrigo acredita que o “Zé Povo” das caricaturas atacava o presidente por considerá-lo vulnerável, quando na verdade queriam atacar Pinheiro Machado. O senador, no entanto, seria imune à sátira e “o ridículo não atingia aquela figura olímpica”. De qualquer forma, a imagem do senador também aparece manchada entre pessoas humildes como o personagem Aderbal Quadros. O sogro de Rodrigo colocara nomes de políticos importantes em algumas árvores de sua chácara, de tal forma que o cedro recebe o nome de Júlio de Castilhos, a cabriúva, o de Gaspar Silveira Martins, a corticeira, o de Assis Brasil, e o cinamomo, o de Borges de Medeiros. Em meio a essa flora há uma árvore “enfezada” que não cresce e, ao seu, um jacarandá gigante, denominados, respectivamente, Hermes da Fonseca e Pinheiro Machado. Essa brincadeira serve para refletir a relação entre Pinheiro Machado e o presidente Hermes da Fonseca. (VERISSIMO, 1956, p. 190).

Um novo fato político, porém, acaba determinando o rompimento definitivo da família Cambará com o Partido Republicano. Por ocasião de uma manifestação organizada pelo Comitê Central Acadêmico contra a candidatura de Hermes da Fonseca para o Senado, em Porto Alegre, várias pessoas são baleadas pelos policiais e ao menos cinco estudantes morrem. Rodrigo inteira-se dos acontecimentos através do jornal *Diário do Interior*,<sup>1</sup> de Santa Maria. Indignado com o conteúdo dos telegramas resumidos pelo jornal, Rodrigo conclui que o ataque dos policiais fora premeditado e culpa Pinheiro Machado pelo ocorrido. Na mesma manhã, escreve um telegrama ao senador comunicando o desligamento do partido e condenando a candidatura de Hermes da Fonseca. Segundo o personagem, o texto “será publicado em seção livre pelos principais jornais do Rio Grande, dentro de dois dias”.

Nesse momento da narrativa, Rodrigo Cambará divide-se entre a perigosa relação com a jovem Toni Weber e os lampejos de consciência política. Dessa forma, o desencadeamento da ação da narrativa evidencia duas abordagens distintas: uma

---

1 O *Diário do Interior* foi fundado em 1911 por Alfredo Rodrigues da Costa, que já havia fundado dois anos antes o jornal *A Tribuna*. Por muitos anos foi considerado o melhor jornal do interior gaúcho e funcionava como uma espécie de órgão de imprensa oficial do Partido Republicano em Santa Maria. Encerrou suas atividades em 1939. Esse protesto contra a candidatura de Hermes da Fonseca ocorreu no dia 14 de julho de 1915.

sentimental, voltada para as falhas de caráter do personagem, e outra mais realista, na qual Rodrigo procura manter uma postura de interesse nos eventos históricos. O sentimento do protagonista em relação ao senador, ora de amor ora de ódio, repete-se na sua relação com Toni Weber, que o faz ao mesmo tempo contente e desventurado. Rodrigo admira a figura carismática de Pinheiro Machado, mas precisa confrontá-lo para demonstrar independência e para deixar claro que não concorda com os rumos da política. Ao mesmo tempo adora a jovem austríaca, mas também a odeia porque não pode assumir a relação (visto que é casado com Flora Quadros) e sente ciúmes de seus passeios com o alemão Erwin Spielvogel, pretendente à mão da moça.

Em meio a essa confusão de sentimentos e atitudes precipitadas, Rodrigo segue pelos jornais o clima de tensão na política nacional. A representação desses dias de turbulência ocorre justamente por meio das notícias de jornais. Assim, a inserção do fato histórico da forma como ele “teria ocorrido” garante contornos de veracidade ao drama de Rodrigo Cambará e à ação romanesca como um todo. Em meados de agosto, Rodrigo lê no *Correio do Povo* um dos últimos discursos de Pinheiro Machado.

*É possível que durante a convulsão que sacode a República em seus fundamentos, possamos submergir. É possível. É possível mesmo que o braço assassino, impelido pela eloquência das ruas, nos possa atingir. Afirmamos, porém, aos nossos correligionários que, se esse momento chegar, saberemos ser dignos de vossa confiança. Tombaremos na arena, fitando a grandeza da nossa Pátria, serenamente, sem maldição nem desprezo, sentindo tão-somente compaixão para com aquele que assim avulta a nobreza inata do brasileiro. (VERISSIMO, 1956, p. 369)<sup>1</sup>*

Após a reprodução desse discurso, seguem-se explicações sobre o contexto histórico da época, em que o escritor procura resumir no romance os motivos da tensão política e as declarações que colocavam Pinheiro Machado no centro dos acontecimentos. O trecho é extenso, mas a sua transcrição torna-se necessária para que se possa compará-lo com os eventos narrados pela historiografia e já aqui citados.

---

1 Pinheiro Machado fez esse discurso no Senado no dia 17 de julho de 1915, o qual foi reproduzido nos jornais.

Como consequência das últimas eleições, [...] a atmosfera do país estava carregada de ressentimentos e ódios, e muitos políticos, publicistas e demagogos tratavam de instigar o povo contra a pessoa de Pinheiro Machado, cujo assassinio era abertamente pregado em comícios no Rio de Janeiro. Um deputado federal chegara a dizer da tribuna da Câmara que, se apresentasse um projeto, seu artigo primeiro seria: "Elimine o Sr. Pinheiro Machado."

Já em princípios daquele ano o Senador reunira em sua residência do Morro da Graça os representantes do Rio Grande, exortando-os a manterem-se unidos para o bem da República, caso ele viesse a tombar assassinado. Em palestra com o jornalista João do Rio, confiara-lhe: "Morro na luta menino. Eles me matam. Mas pelas costas. São uns "pernas-finas". Pena é que não seja no Senado, como César. Há de ser na rua. Morro em defesa da República."

Contavam-se histórias que ilustravam bem a atitude serena e impávida do Senador em meio dessas malquerenças e ameaças. Duma feita, ao passar de automóvel por meio duma multidão exaltada que, havia pouco, gritava insultos a seu nome, disse em voz alta ao chofer, para que todos ouvissem: – Só tire o revólver quando eu tirar o meu. Só dispare o seu primeiro tiro depois que eu tiver disparado o meu.

E o automóvel passou pelo meio da multidão, onde se fizera de súbito um silêncio respeitoso.

Noutra ocasião, ao deixar o Senado, a cuja porta se aglomeravam populares dispostos a vaiá-lo, instruiu o chofer: – Siga. Não tão depressa que possam pensar que tenho medo, nem tão devagar que possa parecer acinte. (VERISSIMO, 1956, p. 369-70).

O excerto revela, em primeiro lugar, o cuidado do autor em manter-se fiel às palavras ditas por Pinheiro Machado.<sup>1</sup> Em segundo, a intenção de exaltar a imagem de hombridade e coragem do senador, mesmas características que são caras ao caráter de Rodrigo Cambará. Em terceiro, mas não menos importante, a versão de que jornalistas e políticos trabalhavam juntos para incendiar o povo contra o senador. Todos esses aspectos combinados amolecem a rebeldia de Rodrigo

---

1 Essas demonstrações de coragem e altivez são fartamente exploradas pelos biógrafos de Pinheiro Machado. Silva (1983, p. 111 e 114) apresenta detalhes dessas histórias, cuja veracidade reside na palavra de testemunhas próximas ao senador. A que trata da orientação dada ao chofer, para que usasse a arma somente após o senador usar a sua, teria ocorrido em abril de 1915, quando o povo protestava em frente a *O País* contra o diretor do jornal e insultava o político rio-grandense.



Cambará para com o “Chefe” e o fazem pensar em apoiá-lo, “sem olhar conveniências pessoais e nem mesmo ideias políticas” (VERISSIMO, 1956, p. 371).

Apesar de em alguns momentos não sabermos com exatidão quais informações têm origem nos jornais e quais nos livros consultados pelo escritor,<sup>1</sup> o mais importante é constatar que todo o panorama desenhado na ficção ampara-se nas notícias vindas de longe, ora por telegramas ora pelas folhas noticiosas. São esses boletins que desencadeiam as ações dos personagens, cada um reagindo conforme sua perspectiva ideológica ou temperamental. Nesse sentido, concordamos com Weinhardt (1999), quando questiona as reações dos personagens à morte do senador no universo de Santa Fé. Segundo ela, apesar de serem fruto da imaginação de Erico Verissimo, “seria invenção em grau muito mais elevado, no sentido de distanciamento da realidade, do que aquilo que aconteceu no Rio de Janeiro e foi objeto do olhar e da pena do jornalista?”.

Embora difícil de ser respondida, a pergunta instiga a reflexão sobre a posição do romancista e do jornalista diante de um mesmo evento histórico. Ambos descrevem algo já ocorrido e do qual não tomaram parte – salvo terem sido testemunha do fato –, mas apenas um (o escritor) pode usar a imaginação para reconstruir a cena, utilizando-se da memória individual ou coletiva e, como nesse caso específico, aproveitar-se das observações do repórter. Nos jornais prevalecem as versões “oficiais” das testemunhas e das autoridades, tidas como “verdade” e transmitidas ao público conforme o engajamento político e ideológico dos diretores do jornal e do próprio redator. Sempre em busca da notícia inédita, de uma concepção da realidade baseada no sensacional, o jornalista passa a ser testemunha, ator, mediador e observador do próprio acontecimento, “tornando-se candidato à operação histórica”, nas palavras de Barbosa. (2010, p. 131).

Na ficção, por sua vez, a representação de um fato histórico pode ser realizada sob diferentes perspectivas, nas quais é menos importante a “verdade histórica” do que o entrelaçamento harmônico entre o real e a ficção. Nela busca a

---

<sup>1</sup> Segundo levantamento de Moro (2001, p. 10), Erico Verissimo emprestava livros da biblioteca de Moyses Velinho. Entre os historiadores a que o escritor possivelmente teve acesso estão: Carlos Dante de Moraes; Walter Spalding; Clemenciano Barnasque; Antonio Carlos Machado; João Pinto Guimarães; Alcides Lima; João Pinto da Silva; Aquiles Porto Alegre; Múcio Teixeira; Alfredo Varela e Carlos Teschauer. De acordo com Moro, em alguns casos é possível associar a tese apresentada no livro de história com o discurso de um personagem ou a descrição de situações pelo narrador na ficção

*historicidade*, entendida como a que dá conta “da visão do mundo que o texto contém” e, ainda, “assegura a vigência na experiência de diferentes leitores em diferentes momentos” (CHAVES, 2004, p. 17). Conforme observa Leenhardt (1998, p. 47), na narrativa ficcional prevalece uma relação de reconhecimento, conhecimento e imaginação do leitor com o “mundo da obra”. Por outro lado, ainda de acordo com Leenhardt, o caráter verossímil da narrativa envolve o leitor num processo de identificação, “o qual é mediatizado tanto pelo verossímil do ‘mundo da obra’ quanto pelo fato de que o romance é constituído por uma narração que coloca em jogo comportamentos que, eles também, mantêm com o leitor laços de reconhecimento, de conhecimento e de imaginação”.

Essa diferenciação entre o “verossímil” da ficção e a “verdade” do jornal nos ajuda a observar dois momentos da narrativa. O primeiro trata da reação das personagens à notícia do assassinato de Pinheiro Machado e, o segundo, da cobertura jornalística adaptada à ação romanesca.

A notícia chega primeiro ao telegrafista:

[...] À medida, porém, que as letras iam formando as palavras e estas as sentenças, os olhos do funcionário se agrandavam, sua caligrafia tornava-se menos firme e por fim, depois de escrever a última letra do nome do signatário do despacho – um deputado estadual – os lábios do telegrafista tremeram e ele ficou olhando para o papel com uma expressão de mudo horror, como se tivesse acabado de ler nele sua própria sentença de morte. (VERISSIMO, 1956, p. 374).

Em seguida, o telegrama chega ao coronel Joca Prates:

Abriu-o de cenho cerrado, leu e ficou lívido. Depois passou o papel para um dos amigos e, como se tivesse perdido a fala e o movimento, ficou a olhar com uma fixidez estúpida para as cartas sobre pano verde.  
– Que barbaridade! – exclamou um dos jogadores. Os outros dois, que haviam lido a dramática mensagem por cima do ombro do primeiro, saíram a andar pelas dependências do clube numa pressa ofegante e atônita.  
Joca Prates pôs-se de pé lentamente e, como um sonâmbulo, encaminhou-se para o telefone do bufete, comunicou-se com a própria casa e, ao ouvir a voz da esposa, balbuciou:  
– Dedé, aconteceu uma coisa horrorosa...  
Não pode continuar, pois o pranto lhe cortou subitamente a voz. Atrás do balcão do bufete Saturnino confiava

sombriamente o bigode, murmurando: “Que barbaridade! É o fim do mundo. Que calamidade!” (VERISSIMO, 1956, p. 374-5).

Depois ao público do cinema:

A notícia chegou aos ouvidos do gerente do cinema Santa Cecília quando a função estava já quase a findar. O homem esperou, aflito, que terminasse a última parte do drama e, quando a luz se acendeu, subiu ao palco e deu a notícia ao público com voz sumida e ar trágico, como se estivesse anunciando o juízo final. Quando terminou de falar, fez-se um silêncio duma fração de segundo e depois um clamor se ergueu da plateia, dos camarotes e da galeria, onde um homem se pôs de pé e berrou: “Bem-feito! Era o que esse canalha merecia!”

De vários pontos do teatro surgiram protestos indignados. Ouvia-se um grito: “Lincha!” Foi então o pânico. Os espectadores precipitaram-se atropeladamente na direção da porta, como se alguém houvesse gritado – incêndio! Algumas mulheres soltavam lamentos histéricos, muitas desatavam no choro, outras gritavam os nomes dos maridos e filhos. Alguns cidadãos trepavam nas cadeiras e pediam calma. Vários deles empenhavam-se em discussões que degeneravam em briga. De quanto em quanto no meio da balbúrdia ouviam-se frases como: “Abaixo a tirania!” “Viva a liberdade!” (VERISSIMO, 1956, p. 375).

E, por fim, chega ao Sobrado, residência da família Cambará:

[...] Teve a impressão de que recebia uma bordoadada na cabeça. Sentou-se, aturdido. Por alguns instantes nenhum dos quatro homens falou. Refeito do choque inicial, Rodrigo pediu pormenores. Quem fora o assassino? Onde se dera o fato? Conte alguma coisa, homem de Deus!

[...]

– A coisa não vai ficar assim – murmurou o intendente. – O Rio Grande não pode ficar acovardado depois duma barbaridade dessas. Mataram o nosso Pinheiro!

E, num assomo de ódio, exclamou:

– Vai haver uma revolução! (VERISSIMO, 1956, p. 376-7).

Nos trechos referidos, o escritor procura representar na narrativa a forma como a notícia da morte de Pinheiro Machado teria se espalhado pelos recantos do Rio Grande do Sul, revelando a forma como a História atua sobre pessoas comuns – do telegrafista ao intendente, deste aos chefes políticos locais, passando pela telefonista até chegar ao cinema e ao Sobrado. O ambiente de comoção e

incredulidade reforça na ficção a importância do senador como uma referência de autoridade para os gaúchos e como o seu assassinato interferiu no cotidiano regional. Como uma “pedra que cai no lago”<sup>1</sup> e provoca uma sucessão de pequenas ondas, a informação cruza distâncias e reverbera sobre os habitantes de Santa Fé, afetando-os cada qual a sua maneira.

Rodrigo Cambará, de uma hora para outra, esquece os insultos contra o senador e a mágoa com o partido. Profundamente chocado com a notícia, mostra-se disposto a participar de algum ato de vingança. As reações dos personagens são verossímeis do ponto de vista da realização literária e capazes de despertar no leitor uma “imagem” dos contornos da realidade histórica pretendida no projeto de romance. Discurso histórico e narrativa ficcional andam juntos, fazendo com que a partir de um pequeno número de personagens possa-se ter uma ideia do todo.

Após o impacto inicial da notícia da morte de Pinheiro Machado, conhecemos os fatos por completo e em descrições minuciosas, conforme amplamente divulgadas nos órgãos de imprensa e aproveitadas pelo escritor para preencher o quadro histórico. Como não fica claro em qual jornal Rodrigo Cambará busca informações sobre o crime, limitando-se a apontar que “nos dias que se seguiram leu nos jornais os pormenores da tragédia do Hotel dos Estrangeiros” (p. 378), supomos que o autor baseou-se em material publicado no *Correio do Povo*, a partir dos telegramas recebidos das folhas do Rio de Janeiro.

Assim, encontram-se na narrativa todos os detalhes do momento do crime, da fuga e da prisão do criminoso conforme foram descritos pela imprensa a partir dos depoimentos das testemunhas. Lê-se também um resumo do interrogatório de Manso de Paiva, no qual confessa o ódio por Pinheiro Machado e que fora influenciado pelo conteúdo dos jornais em seu plano de cometer o crime ao perceber que o país estava dividido por causa da candidatura de Hermes da Fonseca. Ao ler esses detalhes, Rodrigo recusa-se a acreditar na história de Manso de Paiva, preferindo a hipótese do crime político.

Quando o Padre Astolfo chama a atenção para o conteúdo da carta encontrada no bolso do assassino, a mesma que transcrevemos acima e em que Manso de Paiva assume sozinho a autoria do crime, Rodrigo fica mais convencido de

---

1 Referência ao primeiro capítulo do romance *O resto é silêncio*, também de Erico Verissimo. O suicídio de Joana Karewska afeta os destinos das personagens que testemunharam a cena, reproduzindo simbolicamente o efeito de uma pedra que cai no lago.

que a morte de Pinheiro Machado fazia parte de um plano elaborado pelos inimigos do senador. “– Aí está a prova de que o crime teve como mandante algum graúdo, padre! Leia bem essa carta e me diga se isso é estilo de padeiro!” (VERISSIMO, 1956, p. 381). Indignado ao ler pormenores do laudo dos legistas, em que se constatava como causa da morte “uma hemorragia interna provocada por ferimento no pulmão direito e na respectiva artéria, produzido por um instrumento perfurocortante”, Rodrigo revela simpatia pela ideia de o Brasil ser governado por um “ditador”, prenúncio de sua relação com Getúlio Vargas, tema de *O arquipélago*, último volume da trilogia.

– Que estupidez! – exclamou Rodrigo. Uma faca comprada a um negro por seiscentos réis cortou a vida do maior político do Brasil. E não me admirarei se o bandido for absolvido. Este país não cria vergonha, o que ele merece mesmo é um ditador da fibra do senador pra botar a canga no pescoço da canalha! (VERISSIMO, 1956, p. 379).

A comoção de Rodrigo cresce à medida que ele lê a descrição dos momentos seguintes ao crime. A partir dos diálogos reconstruídos pelos jornais, cria-se o clima de emoção e de desejo de vingança dos simpatizantes do senador. O drama ficcional desenha-se de tal forma que o assassinato parece ter sido uma afronta contra o Rio Grande do Sul e não contra um mandatário do governo central. O narrador aponta reações em que “Um fazendeiro, amigo íntimo de Pinheiro Machado, beijava-lhe freneticamente as faces” e “Que horror! Mataram-no pelas costas” (p. 381). Ainda, conforme “contava o repórter”, sabe-se que no dia do crime o senador trajava fraque aberto, com um cravo vermelho na abotoadeira, calças escuras e colete a fantasia na qual se via um punhal de cabo de ouro e marfim. Completa-se, com esses detalhes, a imagem do líder gaúcho que perde a vida para tornar-se um mártir da política e morre em defesa da República.

A revolta pessoal de Rodrigo Cambará não vai muito longe, uma vez que seus pensamentos dividem-se entre a política e o amor por Toni Weber. Enquanto conversa com o padre sobre o crime, deseja ao mesmo tempo rever a jovem. Não ocorre ao protagonista qualquer ideia no sentido de iniciar uma reação prática para vingar a morte do senador. Ele se imagina simplesmente a explicar para a jovem a importância histórica daquele assassinato e, em seus pensamentos, encontra semelhanças entre o seu relacionamento proibido com a austríaca e o atentado contra o senador Pinheiro Machado. “Depois eles esqueceriam o assassinato, o

assassino, a polícia, tudo, para se entregarem ao ato do amor, que era também uma espécie de homicídio, em que havia um apunhalador e um apunhalado e uma agonia convulsiva, seguida duma deliciosa morte.” (VERISSIMO, 1956, p. 382).

Situações como essa, em que o protagonista de *O retrato* confunde o público com o privado, convergem para definir o perfil de um líder problemático e impulsivo, que se beneficia das circunstâncias políticas e acompanha Getúlio Vargas na Revolução de 1930. Até chegar esse momento, Rodrigo Cambará continua interagindo com os principais eventos históricos do Brasil e do Rio Grande do Sul sob a influência das páginas dos jornais.

## CONCLUSÕES

Ao se apoiar em notícias dos jornais para recontar na ficção o caso do assassinato do senador Pinheiro Machado, narrando o clima conturbado que antecede o crime e a comoção popular posterior, Erico Verissimo faz uso de um recurso caro ao seu processo de criação literária. O escritor introduz na narrativa alguns recortes de conteúdo de jornais e, assim, encurta a distância entre a fictícia Santa Fé e o centro do país, colocando personagens comuns no palco dos principais acontecimentos. Enquanto microcosmo do país, Santa Fé recebe o impacto dos eventos por meio do noticiário da imprensa e os personagens passam a fazer parte da história em curso, reagindo aos lances da política de acordo com sua postura ético-ideológica.

Nesse sentido, a partir de diferentes posicionamentos, Erico Verissimo apresenta um panorama do contexto político da época, de forma a evitar um atrelamento simplista a um único ponto de vista. Esse posicionamento indica a tentativa de representar na ficção todos os ângulos possíveis do “problema” político da Primeira República, em que o discurso da imprensa oposicionista, as ações dos governantes e a visão do homem comum – capaz de detectar o lado “humano” de líderes contestados – resultam em um conjunto coeso que denota como tudo “poderia ter ocorrido”. Embora se aproprie da materialidade do discurso jornalístico para preencher o quadro ficcional, o escritor não almeja recontar uma suposta “verdade”, mas, sim, recriá-la a partir personagens e situações que levam o leitor a se identificar com e a confiar no narrado.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Márcio Miranda. **A imprensa como fonte de pesquisa e representação em O tempo e o vento, de Erico Verissimo**: técnica de narrativa e implicações estéticas. 2013. 427 f. Tese (Teoria Literária e Literatura Comparada) – Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2013.

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa**: Brasil, 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BORGES, Vera Lucia Bogéa. **Morte na República**: os últimos anos de Pinheiro Machado e a política oligárquica (1909-1915). Rio de Janeiro: IHGB/Livre Expressão, 2004.

CHAVES, Flávio Loureiro. A História vista pela Literatura. In: CHAVES, Flávio Loureiro; BATTISTI, Elisa (Org.). **Cultura regional**: língua, história, literatura. Caxias do Sul: Educs, 2004. p. 9-18.

DUARTE, Luiz Antônio Farias. **Imprensa e poder no Brasil**: 1901/1915. Estudo da construção da personagem Pinheiro Machado pelos jornais *Correio da Manhã* (RJ) e *A Federação* (RS). 2007. 195 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2007.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 8. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

LEENHARDT, Jacques. “A construção da identidade pessoal e social através da história e da literatura”. In: LEENHARDT, Jacques. **Discurso histórico e narrativa literária**. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

LUSTOSA, Isabel. “O texto e o traço: a imagem de nossos primeiros presidentes através do humor e da caricatura”. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Org.). **O tempo do liberalismo excludente**: da Proclamação da República à Revolução de 1930. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 287-312.

MORO, Eoná. *História e literatura em O continente de Erico Verissimo*. 2001. 188 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2001.

SILVA, Helio. **História da República Brasileira**: entre paz e guerra. 1915-1919. São Paulo: Editora Três, 1975. v. 4.

SILVA, Helio. **Os presidentes**: Hermes da Fonseca. São Paulo: Grupo de Comunicação Três, 1983.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

VERISSIMO, Erico. **O tempo e o vento - O retrato**. Porto Alegre: Globo, 1956. v. 2.

VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**. 20. ed. São Paulo: Globo, 1995. v. 1.

VERISSIMO, Erico. **A liberdade de escrever**. Entrevistas sobre literatura e política. Apresentação de Luis Fernando Verissimo; organização de Maria da Glória Bordini. São Paulo: Globo, 1999.

WEINHARDT, Marilene. "Um diálogo entre ficção e história". **Zero Hora**, Porto Alegre, 18 set. 1999. Cultura Especial.

#### **COMO CITAR ESTE ARTIGO:**

ALVES, Márcio Miranda. **Do jornal para o romance: a história de um assassinato em o retrato, de erico verissimo**. Interdisciplinar-Revista de Estudos em Língua e Literatura. São Cristóvão: UFS, v. 25, mai./ago., p. 61-76, 2016.

**Recebido:** 15.07.2016

**Aprovado :** 10.08.2016